

# Fonoaudiologia social: “A Vez da Voz” de quem não tem vez

*Cláudia Cotes\**  
*Leny Kyrillos\*\**  
*Paloma Cotes\*\*\**  
*Priscila Amorim\*\*\*\**  
*Raquel Munhoz\*\*\*\*\**  
*Ana Maria Torres\*\*\*\*\**

## Introdução

O projeto “A Vez da Voz” veio ao encontro de uma necessidade básica: unir as diferentes áreas da Fonoaudiologia (voz, audição, motricidade, linguagem) e torná-la mais próxima da sociedade, fazendo com que preste um serviço mais completo às pessoas que precisam desses atendimentos e propiciando, de maneira mais global, uma melhor qualidade de vida aos pacientes, principalmente às crianças.

Mas como fazê-lo?

Aprendendo com as diferenças.

Inspirada na vida de uma criança surda, surgiu a história *O som do silêncio*, que cresceu e deu vazão a um projeto social, maior, que propõe a interação entre crianças surdas e ouvintes por meio do universo lúdico e de versos que mostram a diferença entre os mundos.

Mas, nesse processo, quem ensina quem? Somente nós, profissionais da Fonoaudiologia, temos algo para ensinar? Ou aprendemos todos juntos, trocando experiências?

As respostas para essas perguntas podem estar em histórias infantis, que, no nosso caso, despertaram o interesse de profissionais de diferentes áreas da Fonoaudiologia e também de fora dela, como

psicólogos, artistas plásticos, pedagogos, bailarinos, advogados, jornalistas, para um projeto de educação inclusiva.

O início desse trabalho pioneiro concretizou-se em um CD com histórias e músicas infantis, que fala sobre o mundo e os sonhos das crianças deficientes, surdas, cegas, com baixa visão e também não-deficientes. Para quem não enxerga, escuta, fala ou anda, a vida está cheia de desafios. Atravessar uma rua, pedir uma informação, escovar os dentes, desenhar, brincar de esconde-esconde. Aos não-deficientes, uma incursão nesse mundo pode revelar segredos nunca antes imaginados. Mas que mistérios escondem as cabeças dessas crianças diferentes? Quais seus sonhos? Por meio de histórias que valorizam as diferenças, na brincadeira de trava-línguas, no simples ato de chupar uma balinha, na construção de uma poesia, podemos dar às crianças noções básicas sobre a importância da fala e dos cuidados com o corpo. E também com os sonhos.

A Fonoaudiologia deve, a nosso ver, ensinar às crianças que existem formas diferentes de ver, ouvir, falar e compreender a vida. Acreditamos que temos algo a ensinar a elas, mas certamente temos muito a aprender. Muitas leis voltadas para os deficientes já foram feitas, mas a educação e a “não-

\* Fonoaudióloga; doutoranda em lingüística – PUC-SP. \*\* Fonoaudióloga; doutora em Distúrbios da Comunicação Humana Unifesp/EPM; Professora da PUC-SP. \*\*\* Jornalista, especialização em Jornalismo Social – PUC-SP. \*\*\*\* Fonoaudióloga; mestre em Fonoaudiologia – PUC-SP; supervisora do Programa Linguagem e Surdez – Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel de Oliveira Porto” (CEPRE/FCM/Unicamp). \*\*\*\*\* Fonoaudióloga, especialização em Audiologia – CEDIAU. \*\*\*\*\* Fonoaudióloga.



discriminação” vêm da base, ou seja, da infância. Promover a interação entre essas crianças é o nosso papel profissional e social. O nosso silêncio sobre esse tema gerará a distância e o preconceito futuros. O projeto recebe o nome de “A Vez da Voz”, justamente para dar voz para quem não tem vez na sociedade.

### História do projeto

Depois de escrever algumas histórias infantis sobre os diferentes tipos de comunicação, eu (Cláudia) percebi que não poderia estar sozinha para realizar esse projeto, e fazer parcerias foi a solução. Chamei a preparadora vocal, compositora e estudante de Música Popular na Unicamp, Ciça Baradel. Nesse momento, ela lembrou das inúmeras lições que sua primeira professora de música, deficiente visual, lhe ensinou. Para cada história, deveria haver uma música abordando o tema, que não seriam somente “fonoaudiológicos”, mas principalmente educativos, e falariam sobre voz envolvendo a fala, a motricidade e a audição.

Durante oito meses gravamos em um estúdio em Campinas, São Paulo. Nessa etapa, vimos que precisaríamos de várias vozes diferentes, e o grupo começou a crescer. Voluntariamente, tivemos a participação de seis crianças entre 2 e 9 anos de idade e três jornalistas. Já formávamos um grupo de 12 pessoas, contando com a participação do técnico de áudio. As histórias comoviam algumas pessoas, mas uma delas se destacava: *O som do silêncio*. Inspirada em uma história real, nasceu a personagem Amanda, uma menininha surda que ensina aos colegas de escola a importância do som do silêncio. O enredo gira em torno de um passeio ao fundo do mar. Acostumadas com os barulhos, as crianças da história se assustam com o silêncio das águas, menos Amanda, que, maravilhada com cores e peixes, brinca à vontade. Ao ouvir a história, crianças e adultos percebem o quão maravilhoso é o mundo das Amandas, das crianças que não ouvem e que, nem por isso, deixam de sonhar.

O projeto carrega um cunho social, com uma proposta de crianças ouvintes e não-ouvintes interagirem e aprenderem umas com as outras. E isso é fundamental para um futuro e determinante para uma sociedade mais inclusiva, já que 10% da população mundial possui algum tipo de deficiência, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, assim como em outros países em desen-

volvimento, essas taxas são mais elevadas, o que faz com que projetos inclusivos sejam fundamentais. Como Amanda, em nosso país, outras 24,5 milhões de pessoas são deficientes físicas, o que representa 14,5% de nossa população, de acordo com o último Censo do IBGE, de 2000. Desse total, mais de três milhões têm algum tipo de perda auditiva. No Brasil, muito se discute sobre os direitos dos deficientes, ainda longe de serem respeitados em sua integralidade, mas pouco se fala sobre os sonhos e desejos dessas crianças. Resolvemos, então, abordar o tema. E como chegar a um resultado final que falasse e atingisse todo o público-alvo?

Para crianças surdas, a história teve que ser ilustrada. Então, foi a vez de o artista plástico Dimaz Restivo se juntar, voluntariamente, ao “A Vez da Voz”. Ele se apaixonou pessoalmente pelo projeto: a mãe, a irmã e a tia são surdas. Restivo relatou que “Desde criança vive num mundo de símbolos”. Palavras dirigidas às pessoas da família têm de ser ilustradas por gestos e complementadas com a linguagem gestual e de feições. Dimaz relata que uma amiga de infância tinha surdez e mal pronunciava as palavras. Nunca houve problema algum entre eles. Havia cumplicidade de olhar, e as deficiências de comunicação eram superadas. Fato que mostra que as barreiras são impostas por um mundo pensado somente por adultos não-deficientes e que, desde que educadas cedo para a convivência com as diferenças, crianças desenvolvem laços de amizade com qualquer pessoa. Queremos, então, mostrar *essa* infância para todas as crianças.

Ao longo do trabalho, surgiram outras questões, práticas, de como propor atividades lúdicas de interação entre as crianças surdas e ouvintes. Nesse momento, nasceu o livro de atividades misturando letras e língua de sinais, com a colaboração da fonoaudióloga Priscila Amorim e da pedagoga Andréa Rosa, também intérprete de língua de sinais e Diretora de Educação e Cultura da Associação de Surdos de Campinas (Assucamp). Observamos que há carência de materiais para essa parcela da população. No Brasil, apenas quatro editoras produzem livros didáticos para surdos. Além disso, a falta de materiais didáticos aumenta o analfabetismo entre os deficientes, já que eles estão excluídos desse mundo.

Os voluntários do projeto querem ajudar a mudar essa realidade. Então, queremos atingir não somente crianças surdas, mas também cegas. En-





tão, por que não fazer um livro em braile? O nosso desejo era não deixar ninguém de fora, transformando as crianças em agentes multiplicadores desses conhecimentos e do projeto. Se a criança não for surda ou cega, poderá olhar os livros, entender como esse mundo diferente do dela funciona e doar o material para outras crianças. Dessa forma, a interação entre crianças surdas e ouvintes acontecerá naturalmente. Essas propostas foram sugeridas pela jornalista Paloma Cotes. A prática da Solidariedade e da Fonoaudiologia Social são os desejos do "A Vez da Voz".

Outros voluntários contribuíram para a ação. O físico Eduardo Tinóis e o jornalista Roberto Pellim criaram um *site* educativo, o [www.vezdavoiz.com.br](http://www.vezdavoiz.com.br). Nele, as pessoas têm acesso à história do grupo e podem tirar dúvidas sobre voz, surdez, cegueira, baixa visão e outros temas. Ficam informadas sobre o trabalho de associações de surdos espalhadas pelo Brasil e as atuações voluntárias do projeto "A Vez da Voz". Com essa ferramenta, podemos ajudar muito mais pessoas e estamos acessíveis, literalmente, para todo o mundo.

O maior *shopping* da América Latina, o Parque Dom Pedro, que fica na cidade de Campinas, São Paulo, também abraçou o "A Vez da Voz" e decidiu montar um lançamento especial do projeto, com apresentação dos corais de surdos e ouvintes, sapateado, e estandes com exposições de arte e de novas tecnologias para deficientes auditivos. Pudemos contar também com a participação das fonoaudiólogas Leny Kyrillos, responsável pela área de voz do *site*, Raquel Munhoz e Ana Maria Torres, que no projeto fornecem assistência à população por meio de materiais explicativos e divulgação sobre prevenção a todos que tiverem dúvidas sobre o tema, além de serem responsáveis pela área de audição do *site*. A área de surdez de nossa página na Internet conta ainda com a colaboração da fonoaudióloga Priscila Amorim. Mais de 20 pessoas, entre elas pedagogas, psicóloga, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogas, bailarinos, jornalistas, fotógrafas, físico, artista plástico, advogados e crianças, entre outros, participam do projeto voluntariamente. Terapeutas ocupacionais e pedagogas especializadas, integrantes dos Programas para Deficientes Visuais do Cepré/FCM/Uni-

camp, Heloisa Gagliardo (coordenadora), Rita Montilha (coordenadora adjunta), Maria Elizabete Gasparetto (responsável pela área de assistência) e Regina Govoni e Silvia Carvalho (especialistas em leitura e escrita braile) fizeram relatos ao grupo sobre a carência de livros em braile. Atualmente, a Fundação Dorina Nowill para cegos é a maior distribuidora desses livros no Brasil, mas eles não são vendidos em livrarias comuns, o que limita a prática da leitura para cegos. A partir dessa dificuldade, a equipe de profissionais do Cepré/FCM/Unicamp realizou uma parceria com a impressão da história *Parque quebrado, olho fechado* em braile e em letras ampliadas para crianças com baixa visão, que integra o kit "A Vez da Voz".\*

Dessa forma, mais crianças foram beneficiadas. O projeto "A Vez da Voz" começou com um kit contendo um CD que aborda diferentes tipos de comunicação, um livro em braile, outro livro de atividades lúdicas em língua de sinais e letras e um livro de ilustrações. Mas não bastava apenas o material. Era preciso fazer a divulgação da causa da educação inclusiva, fato que mobilizou os profissionais a visitarem escolas e *shoppings* para relatar e dividir essa experiência de solidariedade com outros adultos e crianças.

Todos nós temos a certeza de que apenas iniciamos uma jornada. Ainda há muito para ser feito e conquistado por este Brasil, mas plantamos a semente. Lutaremos, como grupo, para que o projeto dê bons frutos.

Convidamos a Fonoaudiologia brasileira a participar desse projeto em sua cidade, difundindo e tornando prática a educação inclusiva não somente nas escolas, mas também nos espaços públicos, nos consultórios.

## Interação de diferentes áreas da Fonoaudiologia

### Audiologia

Como fonoaudiólogas que atuam, há mais de 15 anos, na área de Audiologia Educacional em Campinas, com protetização de pacientes portadores de perda auditiva, nós, Raquel e Ana Maria, sentimos que há uma grande lacuna nas informa-

\* Os kits "A Vez da Voz" foram produzidos por uma editora. A forma de pagamento dos autores do projeto é revertida em kits, que são doados às instituições e escolas praticantes da educação inclusiva.



ções e orientações oferecidas, tanto na fase em que os primeiros sinais da perda de audição se manifestam, como imediatamente após o diagnóstico e no período que precede a intervenção com adaptação da prótese auditiva. Este período caracteriza-se pelo surgimento de inúmeras dúvidas, anseios e expectativas em relação aos reais benefícios que a prótese auditiva poderá trazer ao longo da vida do usuário.

Além disso, a família depara-se com a incerteza de um futuro escolar, profissional e social bem-sucedido e, ao mesmo tempo, com a necessidade de adquirir um produto de alta tecnologia, de custo elevado, mas que será uma das ferramentas mais importantes para o desenvolvimento de sua fala, linguagem e aprendizagem.

Durante todos esses anos de trabalho, empenhadas em habilitar e reabilitar pessoas portadoras de necessidades especiais, procuramos aprimorar nossas habilidades em “ouvir o som do silêncio”. Aprendemos a extrair da expressividade daqueles que não ouvem bem muitos de seus anseios, e percebemos que o serviço fonoaudiológico que convencionalmente oferecíamos também era muito restrito para atendê-los em sua integralidade.

Limitarmo-nos à escolha de um bom produto audiológico, sua testagem, adaptação, comercialização e acompanhamento longitudinal de controle, em nossa prática clínica, não garantia ao usuário a satisfação com o desempenho e benefícios oferecidos pela prótese auditiva.

Essa vivência levou-nos a buscar uma nova maneira de atuação, e conduzimos nosso trabalho buscando transcender a área técnica, sob a orientação e supervisão da Dra. Iêda Pacheco Russo (1999), que define

O fonoaudiólogo deixa de ser um técnico preocupado com as questões físicas e eletroacústica da deficiência auditiva e passa a ser um profissional que busca meios e estratégias que possam conservar as habilidades auditivas necessárias à manutenção da troca de informações entre as pessoas, que se concretiza na linguagem.

Então, começamos a desenvolver materiais educacionais para familiares, profissionais e usuários de próteses auditivas, sabendo que, apenas com o envolvimento e a conscientização de todos atingiríamos nossos objetivos de ampliar suas potencialidades em diferentes aspectos. Um exemplo foi o manual infantil chamado *Colorindo Otacílio*, no

qual ensinamos a criança a cuidar do seu aparelho auditivo, como cuidamos de nós mesmos e dos nossos amigos. Demos início também a um programa de reabilitação audiológica, visando melhorar as habilidades de comunicação, os aspectos psicossociais da perda auditiva e dar ênfase na melhora das habilidades de conversa e interação social e uso da audição residual (Kricos e Lesner, 1996).

Estabelecemos um protocolo para o programa de reabilitação audiológica composto por várias etapas: consultoria, aconselhamento e treinamento auditivo. Na consultoria, fornecemos aos pacientes uma melhor compreensão do processo de reabilitação para motivá-los, e com isto os resultados são mais rápidos e eficazes, com um impacto significativo no prognóstico do uso da amplificação (Mormer & Palmer, 1999). Por meio do aconselhamento, definido por Hodgson (1989) como o fornecimento de informações, explicações e suporte para orientar as opções, atitudes e comportamentos do DA e/ou suas famílias, o indivíduo é capacitado a encontrar as soluções para as suas dificuldades, facilitando a resolução de problemas. O papel do fonoaudiólogo é promover uma melhor aceitação da perda auditiva, estabelecendo maior autoconfiança, integração e credibilidade. A participação de todos no processo de reabilitação audiológica resulta em melhor comunicação e independência no manuseio e cuidados de sua prótese.

Com o treinamento auditivo, “processo em que pessoas deficientes auditivas aprendem a tirar todo proveito das pistas sonoras que ainda lhes são disponíveis” (Cahart, 1960), ocorre uma melhor conscientização a respeito dos sons ambientais, instrumentais e de fala, bem como a sua percepção, localização, discriminação e memorização e, conseqüentemente, uma melhor recepção (Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES).

A associação desses diferentes tipos de atendimentos aumenta as possibilidades de reintegração social e melhoria na qualidade de vida. No entanto, sentimos necessidade de fazer algo mais para que nossos usuários encontrem na sociedade oportunidade para utilizarem estas ferramentas.

Nossa participação em um projeto como esse, que reúne pessoas envolvidas com a melhoria da qualidade de vida e educação daqueles que são diferentes, abre estas portas para exercermos nossa profissão de forma responsável, ampla e abrangente, oferecendo informações e orientações pertinen-





tes a essa causa social. Esta é uma forma de abrirmos os braços em direção à sociedade, levando pessoas portadoras e não portadoras de deficiência a entenderem melhor o que ela é e promover a diminuição do estigma da deficiência auditiva e a quebra do preconceito.

### *Surdez e deficiência visual*

O convite para eu, Priscila, escrever sobre surdez neste projeto, foi muito bem vindo, uma vez que o trabalho fonoaudiológico é um dos primeiros a ser requisitado quando os pais recebem a notícia que o filho é surdo.

Uma das primeiras reações, ao receber o diagnóstico da surdez, é a incerteza de como será a vida familiar depois da notícia que “desorganiza” uma estrutura, até então, constituída para um filho ouvinte. O papel que o fonoaudiólogo desempenha, neste momento, é de fundamental importância, pois coloca esses familiares em contato com as várias possibilidades oferecidas para o desenvolvimento dessa criança.

O fonoaudiólogo orienta sobre as possibilidades terapêuticas, sobre as novidades tecnológicas oferecidas pelo mercado, enfim, oferece alternativas que garantam uma reestruturação e, assim, a convivência sadia com o mais novo membro da família.

Entre as possibilidades terapêuticas, há o trabalho fonoaudiológico na abordagem bilíngüe, o qual ainda é pouco divulgado. Esta abordagem na surdez preconiza a aquisição da língua de sinais como a primeira língua, a qual subsidiará o aprendizado de uma segunda língua na modalidade oral e/ou escrita. Portanto, o objetivo principal desta proposta é a possibilidade de interagir com a surdez como diferença lingüística e não como uma deficiência que precisa ser tratada ou corrigida (Silva, 2001).

Segundo Lacerda e Mantelatto (2000), na abordagem bilíngüe de surdez, o trabalho visando ao desenvolvimento da linguagem oral é importante, porém não deve se restringir apenas aos aspectos articulatórios; deve focar-se no trabalho de aquisição de linguagem em toda a sua plenitude. É importante vislumbrarmos uma prática terapêutica na qual o sujeito vivencie situações significativas e na qual a oralidade e/ou escrita seja trazida funcionalmente para esses contextos.

O Cepre/FCM/Unicamp, no que se refere à surdez, tem seu trabalho baseado na abordagem bilíngüe. O atendimento ao sujeito surdo está dividido em três programas. No Programa de Orientação à Família de Crianças Surdas, o enfoque é a orientação sobre a proposta educacional bilíngüe e as famílias são convocadas a participar desse novo contexto lingüístico freqüentando atividades que envolvam o uso da língua de sinais. No Programa Infantil: Linguagem e Surdez, as crianças surdas participam das aulas de língua de sinais, atividades pedagógicas, fonoaudiológicas e de arte-educação, realizando suas primeiras incursões na língua escrita. Mesmo inseridas na escola regular, ainda freqüentam o Cepre, onde continuam sendo trabalhados aspectos pedagógicos, fonoaudiológicos e da língua de sinais, no Programa Escolaridade e Surdez. Visando as etapas de aquisição e desenvolvimento lingüístico/cognitivo, os três programas interagem para promover um sujeito constituído da/na e pela linguagem.

O Cepre, ao longo de sua história, tornou-se um serviço de referência para o atendimento de deficientes sensoriais. Sua missão integra o ensino, a pesquisa e a assistência e tem conduzido à reflexão sobre os fundamentos teóricos das práticas do cotidiano, à proposição de novos modelos de intervenção e à formação de profissionais e pesquisadores na área.

Como fonoaudióloga do Cepre, sugeri a Cláudia Cotes que apresentasse o projeto à coordenação com objetivo de obtermos mais uma parceria. Tendo sido acolhida a sugestão, foi realizado um encontro com a equipe do Cepre e sua coordenadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heloísa Gagliardo. Após a avaliação e o entendimento do projeto “A Vez da Voz” como proposta educativa e inclusiva, que tem o objetivo de atingir toda comunidade, o Cepre passou a integrar o grupo de colaboradores e ofereceu como contribuição a impressão em braile da história *Parque quebrado, olho fechado*. Esta história é para que crianças, refiro-me aqui a “simplesmente crianças”, entrem em contato com o universo da leitura e da escrita em suas diferentes formas.

Dar VOZ às diferentes possibilidades de atuações dentro da própria Fonoaudiologia é dar VEZ ao amadurecimento da profissão.

## Voz

Durante um bom tempo, o atendimento na área de voz foi visto como algo menor, mais técnico e apenas um detalhe da comunicação como um todo. De uns tempos para cá, com o avanço dos estudos e a partir das novas necessidades do mercado, a área de voz passou a representar e a contemplar um atendimento mais abrangente, considerando a linguagem em seu sentido mais amplo. Hoje, é muito fácil observarmos o tanto que a voz revela ao mundo quem nós somos, no que acreditamos, como nos sentimos em cada situação e, especialmente, quais são as nossas intenções.

No âmbito prático, a fonoaudiologia saiu do atendimento unicamente clínico, e passamos a trabalhar na habilitação da função comunicativa, no desenvolvimento da melhor performance vocal e corporal, especialmente aplicada à atuação profissional. Assim, os profissionais da voz (atores, locutores, jornalistas, cantores, professores, etc.) passaram a contar com a nossa atuação também num conceito de assessoria.

De forma paralela, o atendimento às crianças com distúrbios vocais também se ampliou, e a compreensão do enfoque educativo, envolvendo a criança, a família e a escola, é cada vez mais evidente.

Apesar de alguns estudos abordarem a voz nas crianças deficientes (auditivas e/ou visuais), este nunca foi tema de interesse específico do fonoaudiólogo. O projeto “A Vez da Voz” encantou a mim, Leny, sobretudo por isso: o enfoque na voz da criança, ouvinte ou não, com a intenção de integrar, aproximar; dar voz para possibilitar a troca, ver a voz como forma de comunicação.

Acredito que essa nova possibilidade, além de atender à necessidade de grande número de crianças, vai trazer novo direcionamento para a nossa atuação, e sobretudo nos motivar a interagirmos melhor, resgatando da fonoaudiologia sua missão primeira, mais importante e mais abrangente: favorecer nosso atributo que nos caracteriza como seres humanos, ou seja, a comunicação que permite todas as nossas relações.

## Objetivo

Promover a prática da educação inclusiva realizada por diferentes profissionais voluntários, por

meio de materiais pedagógicos lúdicos e diversificados, como letras, língua de sinais, braile, narrações, músicas e ilustrações.

## Material e método

O projeto reuniu os seguintes materiais:

- 1) CD infantil que aborda os seguintes temas: cuidados com a voz, cegueira, surdez, desenvolvimento da linguagem, importância da sucção e higiene bucal;
- 2) livro de atividades com propostas em letras e língua de sinais – datilologia;
- 3) livro da história: *O som do silêncio*, valorizando a criança surda;
- 4) livro de história: *Parque quebrado, olho fechado*, em braile, valorizando a criança cega;
- 5) livro *Colorindo Otacílio*, manual infantil de cuidados e manuseio da prótese auditiva para crianças colorirem.

## Discussão

Contam-se aos milhões as pessoas que, no Brasil, ainda não têm voz. São milhões de pobres, negros, mulheres que ainda não tiveram a oportunidade de utilizar esse potente instrumento para uma guinada. E, infelizmente, eles não estão sozinhos. Há um outro exército, de mais de 24,5 milhões de brasileiros (segundo o Censo 2000 do IBGE), que, com algum tipo de deficiência, luta cotidianamente contra as barreiras múltiplas impostas por uma sociedade por vezes cega, surda e muda ao problema. Mas nunca se discutiu tanto nas escolas públicas e privadas o conceito de inclusão. Pipocam pelo país, apesar dos baixos índices de deficientes matriculados na rede regular (eles representam 1% do total de alunos), experiências que estão colocando em xeque a escola tradicional e trazendo para a sala de aula a diferença como mais um elemento pedagógico e de convivência. É por esse motivo que o projeto “A Vez da Voz” nasceu, para amenizar o silêncio que circunda o universo das pessoas com deficiência e para ensinar, desde cedo, aos menores, que a diferença é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade melhor e mais fraterna. Como afirma Cláudia Werneck, jornalista e fundadora da ONG Escola de Gente, em seu livro *Você é gente?* (2002), pretendemos atentar a infância e os adultos para o fortalecimento de uma nova

ética, a "ética da diversidade". Segundo ela, a ética da diversidade se apóia na certeza de que a humanidade encontra infinitas formas de se manifestar. É uma ética que não admite a comparação entre diferentes condições humanas nem privilegia uma delas em detrimento de outra.

Debruçando o olhar sobre outros dados, é possível perceber que a inclusão precisa acontecer na sociedade global. Segundo a ONU, há no mundo 500 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Desse total, 80% vivem em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil (Néri, 2003). São pessoas que vivem em países que pouco lhes propiciam a cidadania plena, pessoas que habitam cidades que jamais foram pensadas para elas. Por esse e outros motivos, há a sensação de que essas pessoas simplesmente inexistem, quando, na verdade, estão reclusas. Historicamente, os avanços em termos de legislação foram muitos, mas não suficientes para incluir todas essas pessoas na prática. Durante séculos, os deficientes foram encarados como inválidos (Sassaki, 2003), considerados um peso morto para uma sociedade incapaz de lidar com o diferente. Por todo esse tempo, essas crianças sequer freqüentaram escolas ou, quando o faziam, eram elas que deveriam se adequar ao ambiente e não o contrário. T tamanha hostilidade e barreiras impostas não só pela deficiência como pelo preconceito e falta de preparo empurraram essas pessoas para dentro das casas. A realidade começa a mudar apenas na década de 80, quando a ONU (Organização das Nações Unidas) declara o Ano Internacional das Pessoas Deficientes. Em 1993, ou seja, há pouco mais de dez anos, a Assembléia da ONU assina um documento com 22 normas para a inclusão de pessoas deficientes na sociedade. O Brasil foi signatário de ambos os acordos e chegou a implementar leis específicas antes mesmo da iniciativa de organismos internacionais. A Constituição de 1988 (apelidada de Constituição Cidadã) prevê, pela lei federal 7.853, que é crime passível de punição qualquer tentativa de impedir que uma pessoa deficiente esteja em uma escola de sua comunidade. Diz também a lei que é dado ao cidadão o livre direito de ir e vir. No papel, o Brasil vai bem e possui legislação de ponta. No mundo real, a inclusão ainda é incipiente (Vivarta, 2003). Não é preciso ir muito longe para enxergar isso: basta olhar para as calçadas de sua cidade e ver quantas delas são rebaixadas para permitir o acesso dos deficientes ou quantos deles estudam em salas regulares.

As mudanças de comportamento em relação à deficiência e a outros temas que a sociedade por vezes relega aconteceram vagarosamente. Na década de 80, falava-se em integração. Esse foi, na verdade, um movimento de inserção limitado aos deficientes. As escolas os aceitavam, mas desde que eles estivessem "preparados" para o desafio. Caso fracassassem, eram descartados. O conceito ainda permeia boa parte dos discursos proferidos pela educação. Mas começa a ganhar espaço, mesmo que lentamente, o conceito da inclusão, que prevê uma transformação radical "onde a sociedade se adapta a atender às necessidades das pessoas com deficiência e, com isso, se torna mais atenta à necessidade de *todos nós*" (Sassaki, 2003). Um conceito em que a diferença é aceita e trabalhada em conjunto por todos, que com ela aprendem e superam limites antes estabelecidos.

Como pregam os direitos humanos, a educação é um direito universal, ou seja, de todos. Mas, no Brasil, uma grande parcela de nossos deficientes está a par desse processo. Cerca de 42% deles são analfabetos. Os motivos são variados, mas vão desde a pobreza até a falta de material didático adequado. Quanto mais se avança nas estatísticas, mais a desigualdade salta aos olhos. A média de escolaridade, em anos, de crianças não-deficientes é de 3,81 anos. Para as que possuem deficiência auditiva é de 2,77 anos. Para as com dificuldades de locomoção, 2,21. E as que menos estudam são as que têm paralisia ou a falta de algum membro, passando apenas 1,92 ano de sua vida em uma sala de aula.

O Brasil tem quase 3 milhões de crianças com deficiência, que representam 4,7% do total da população com idade entre 0 e 17 anos do país. São meninas e meninos que têm os mesmos direitos de qualquer outra criança, inclusive o de aprender a ler e a escrever. Apesar disso, o percentual de crianças com deficiência que ainda não estão alfabetizadas é quase o dobro do de crianças sem qualquer deficiência. Dados do Relatório da Situação da Infância e Adolescência Brasileira, divulgados pelo Unicef, mostram que crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, com deficiência, têm o dobro de dificuldade em freqüentar a escola. Além disso, o relatório afirma que adolescentes com alguma deficiência têm quatro vezes mais chance de não serem alfabetizados que meninos e meninas sem deficiência.

Outro problema é a circulação de materiais didáticos, ainda muito restrita. No Brasil, apenas quatro editoras produzem livros para crianças sur-



das. Alguns estados, como São Paulo, produzem para os alunos da rede pública livros de estudos, mas se limitam apenas a isso. Dificilmente encontramos livros em braile e/ou língua de sinais em bancas de jornais ou livrarias comuns. É como se as editoras esquecessem que essas pessoas também querem ter o prazer de ler e “navegar” por outros mundos. Mas esse direito, de consumidor, lhes foi e continua sendo negado.

Nesse sentido, “A Vez da Voz” dá um passo importante, com a publicação de livros infantis em língua de sinais e braile. Com eles, as crianças não-deficientes descobrem um mundo diferente do seu. E podem se transformar em agentes multiplicadores da idéia, em “contadores de histórias”, ao doar os livros para instituições ou presentear uma criança surda ou cega. E não estamos, novamente, falando de um grupo reduzido de pessoas. Segundo o último Censo IBGE, o Brasil tem 61 milhões de crianças e adolescentes com idade entre zero e 17 anos. As crianças são uma ponta do projeto. Os voluntários constituem o outro elo fundamental da corrente. Nós, educadores, e outros profissionais estamos abrindo os próprios olhos e, por consequência, os da sociedade, para a existência e necessidades dessas pessoas. Um exemplo disso está no trabalho do cartunista Maurício de Souza, famoso pela criação da Turma da Mônica. Ele incluirá no grupo um personagem paraplégico. A iniciativa partiu da própria realidade de deficiência com a qual Souza conviveu. Depois de um grave tombo, a mãe do cartunista passou a vida em uma cadeira de rodas. Isso prova que as pessoas deficientes estão à nossa volta. E que a deficiência não é apenas um problema congênito. Ela pode ser adquirida ao longo da vida, por conta de acidentes diversos. Levantamentos feitos pela AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) mostram que 42% das lesões medulares adquiridas acontecem por acidente com armas de fogo e outros 23% por conta de acidentes de trânsito. Ninguém está ileso.

É evidente que o Estado tem papel primordial no combate à exclusão dos deficientes. O ano de 2004 foi escolhido como Ano Ibero-Americano da Pessoa com Deficiência. Foi assinado um documento definindo esse ano como estratégico para o fortalecimento de políticas públicas direcionadas à inclusão das pessoas com deficiência. Segundo Nilmário Miranda, ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, o Ano é mais do que uma oportunidade para chamar a atenção do país e da

comunidade internacional para a necessidade de se implementar políticas públicas voltadas para as pessoas com deficiência. O momento é propício para alertar atores sociais para a importância da inclusão. “O Brasil quer incluir as pessoas portadoras de deficiência e, para isto, é fundamental que continuemos a construção de uma cultura de respeito às diferenças no nosso País”, disse o ministro. Por isso, “A Vez da Voz” é mais um projeto engajado na luta por uma sociedade inclusiva. É pela parceria de profissionais de diversas áreas, desde pedagogos a físicos, que o projeto pretende mostrar que o envolvimento com o tema independe da atuação profissional de cada um.

Vale destacar que “A Vez da Voz” presta uma importante contribuição à Fonoaudiologia, reunindo todas as áreas (voz, audiologia, motricidade e linguagem) desse saber na busca por soluções e projetos viáveis para aqueles que mais precisam dela.

Acreditamos na Fonoaudiologia Social. E que ela nos ensine a conviver com nossas igualdades e diferenças.

## Conclusão

O surgimento do projeto “A Vez da Voz” nos permitirá:

- orientar as crianças sobre a prática da educação inclusiva, por meio de diferentes materiais pedagógicos que valorizam as diferenças;
- abordar temas sobre os diferentes tipos de comunicação de maneira lúdica;
- difundir o braile e a língua de sinais;
- unir diferentes áreas da Fonoaudiologia, expandindo os limites técnicos para questões educacionais e sociais;
- promover o voluntariado e a solidariedade como formas de melhoria social.

## Referências

- Cahart, R. Auditory training. In Davis H, Silverman R, editors. Hearing and deafness. 2.ed. New York: Holt, Rinehart and Winston; 1960. p.346-59.
- Hodgson WR. O aconselhamento e a orientação da prótese auditiva. In: Katz, J. Tratado de audiologia clínica. São Paulo: Manole, 1989. p. 87-93.
- Kricos PB, Lesner S, editors. Hearing care for the older adult: audiologic rehabilitation. Boston: Butterworth – Heineman; 1996.
- Lacerda CBF, Mantelatto SAC. As diferentes concepções de linguagem na prática fonoaudiológica junto a sujeitos surdos. In: Lacerda CBF, Nakamura H, Lima MCMP. Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe. São Paulo: Plexus; 2000. p.21-41.







Mormer E, Palmer C. A systematic program for hearing aid orientation and adjustment. In: Sweetow, R. Counseling for hearing aid fittings. San Diego (CA): Singular; 1999. p. 165.

Néri M. Retratos da deficiência no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/IBRE; 2003.

Russo IP. Intervenção fonoaudiológica na terceira idade. Rio de Janeiro: Revinter; 1999. p. 52.

Werneck C. Você é gente ?. Rio de Janeiro: WVA; 2002.

Sasaki RK. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA; 2003.

Silva PMVA. Sujeito surdo ou deficiente auditivo: o que determina a opção do fonoaudiólogo [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

Veet Vivarta, Mídia e deficiência. Brasília (DF): Andi, Fundação Banco do Brasil; 2003.

**Recebido em** abril/04; **aprovado em** novembro/04.

**Endereço para correspondência**

Cláudia Cotes

Rua Barão da Torre, 64/925, Sousas, Campinas, São Paulo,  
CEP 13104-058

**E-mail:** [claudiacotes@uol.com.br](mailto:claudiacotes@uol.com.br)





## Anexos

### *O som do silêncio*

Cláudia Cotes

Na casa do Reinaldo, nasceu a Amanda, que já era amada muito antes de ser gerada. Tão esperada, a Amanda-amada foi crescendo e adorava ir à escola. Tinha vários amigos e sabe de uma coisa? Ela carregava um segredo com ela. É que Deus, muito contente, ao fazer a Amanda disse:

– Você vai ser diferente! E vai ensinar aos outros o som do silêncio...

É... A Amanda não escutava os sons que a gente ouve sempre. Não ouvia o som das palavras, mas via que, para se comunicarem, as pessoas não usam só a voz – usam também os olhos, mexem a boca, falam com as mãos....

E Amanda fazia isso. Falava com o corpo. E com muito talento, conseguia mostrar o seu sentimento!

Outro dia, na aula de Ciências, o professor Orimar deu aula sobre o fundo do mar. Falou dos peixes, desde o lambari ao tubarão. De baleia, peixe-espada e sereia! Todos logo se interessaram. E combinaram uma aula prática – de mergulho mesmo, na cidade do Guarujá. Você já esteve por lá? Pois fizeram uma excursão! Ah! Que diversão! E lá foram eles – maiô, bóia, pé-de-pato, mochila, lanche, boné, chinelo e tinha até sapato!

Quanta coisa levaram... Amanda era a mais animada!!!

Quando chegaram na praia, todos a postos, depois de ouvirem a instrução, deram um pulo no fundo do mar.

E, de repente, todos ficaram atentos e acharam estranho porque todos ouviram o som do silêncio...

Vamos ouvir:::::  
(silêncio)

Todos ficaram assustados com o silêncio do fundo do mar, menos Amanda-amada, que logo começou a sorrir e a nadar. Foi então que seus amigos descobriram o seu segredo:

É que ela era uma sereia do fundo do mar!!!!!!

### *Parque quebrado, olho fechado*

Cláudia Cotes

No dia das crianças, João foi ao parque com seus tios.

Era noite e todas as luzes estavam acesas e tinha luz pra caramba....

De repente! BUM! A luz apagou! O parque ficou todo escuro e os brinquedos pararam de funcionar...

João: AHHHHHHH! Que pena! Mesmo assim João quis montar no cavalinho do carrossel, mas ele não andava...

Mas a tia de João teve uma idéia e falou:

Tia: João, feche os olhos e imagine que o cavalinho está andando...

Como num passe de mágica, o cavalinho começou a se mexer, as luzes se acenderam e o João começou a girar, girar, girar e gritava de alegria: I I I I I I I I I I U U U U U U U U U U U U U U U U P P - P I O cavalinho ia rápido, bem rápido – depois beeeem devagar. Pulava com as duas patas e abanava o rabo bem forte! João daaaaaava risada.

E... de repente João abriu os olhinhos e viu que o parque continuava escuro!

É que ele estava imaginando...

Mesmo assim ele foi embora pra casa feliz da vida porque descobriu que mesmo acordado a gente pode sonhar com os olhinhos fechados....

